

FELICIDADE

ANTOLOGIA DE POEMAS, CONTOS E
CRÔNICAS - VOL. V

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA



Aymée Loivos Considera Conde Sangenis

ADELAIDE COUTINHO - ANA PAULA MACIEL VILELA -
ANABELLE LOIVOS - ANGELA QUINTIERI - CLARAEMES -
CRISTIANO MOTA MENDES - ELIANA MIRANZI - ELISA PEREIRA -
EVELYN KLIGERMAN - FERNANDO QUEIROZ - FLORA TROPER -
JANIR LAGE - HELOISA DE SOUZA - KÁTIA RODRIGUES -
LÊDA ARISTIDES - MARIANÍ GUIMARÃES - MARICI PASSINI -
MARÍLIA AMARAL - ROSEANA MURRAY



APRESENTAÇÃO

O Clube de Leitura da Casa Amarela, que se reúne desde 2010, durante a pandemia funcionou de forma totalmente on-line. A partir daí, abriu-se também para a escrita de seus membros leitores.

Já lançamos quatro livros digitais coletivos, todos disponíveis gratuitamente no meu site. São eles: "Cesta de Memórias" - "A Força das Pequenas Coisas", "O Beijo", "Luz e Sombra". Todos lançados a partir de 2021.

Agora, finalizamos o ano de 2023, reunindo poemas, minicontos e crônicas sob a temática "Felicidade". É nossa quinta publicação coletiva.

As flores que ilustram cada texto desta antologia foram escolhas pessoais dos autores, com fotos autorais.

Roseana Murray
Saquarema - 2023

ÍNDICE

ADELAIDE COUTINHO	<u>O SOM DO VERÃO - 3</u>
ANA PAULA MACIEL VILELA	<u>A LISTA - 5</u>
ANABELLE LOIVOS CONSIDERA	<u>50 ANOS - 7</u>
ANGELA QUINTIERI	<u>AGORA VOCÊS ACREDITAM POR QUE</u> <u>EU NÃO PODIA ESCOLHER OUTRO</u> <u>PRESENTE? - 9</u>
CLARAEMES	<u>A PRIMEIRA IDEIA DE FELICIDADE - 13</u>
CRISTIANO MOTA MENDES	<u>TAMBORES FAZENDO A ALMA</u> <u>DANÇAR - 16</u>
ELIANA MIRANZI	<u>DESEJO PARA UM ANO NOVO - 18</u>
ELISA PEREIRA	<u>COLECIONADOR DE TEMPO - 20</u>
EVELYN KLIGERMAN	<u>CORAL DE PÁSSAROS - 22</u>
FERNANDO QUEIROZ	<u>SIGNIFICADO - 24</u>
FLORA TROPER	<u>DIÁRIO DE VIAGEM - 26</u>
HELOISA DE SOUZA	<u>FELICIDADE - 29</u>
JANIR LAGE DA SILVA	<u>SIMPLES ASSIM - 31</u>
KÁTIA RODRÍGUES	<u>O QUE SERÁ A FELICIDADE - 33</u>
LÊDA ARISTIDES	<u>FELICIDADE EM FLOR - 35</u>
MARIANÍ GUIMARÃES	<u>MOMENTOS - 37</u>
MARICI PASSINI	<u>UM DRINQUE NO PARAÍSO - 39</u>
MARÍLIA AMARAL	<u>DELÍCIAS - 42</u>
ROSEANA MURRAY	<u>UM BONDE CHAMADO FELICIDADE -</u> <u>44</u>



ADELAIDE COUTINHO

É professora aposentada em Língua Portuguesa- Literatura. Nascida e moradora de Saquarema. Gosta de cuidar das plantas, de ouvir os pássaros, de se encontrar com as amigas para um café e um bom bate-papo e também dos encontros do Clube da Casa Amarela, que sempre lhe trazem afago no coração.

O SOM DO VERÃO



Foto: Adelaide Coutinho- 2023

Raimundo acordou cedo, seu retorno ao Brasil depois de mais de três décadas estava marcado para dali a pouco. Tinha decidido, iria visitar sua cidadezinha.

Na mala, coisa pouca, não pretendia passar muito tempo por lá, pretendia conhecer outros lugares, e assim, iria comprando só o necessário para não ter que carregar tantas coisas, afinal, ele era homem prático e esse ano sabático deveria ser o mais leve possível, em todos os sentidos.

Sua vida na juventude, sempre fora assim, pouco planejamento, quando se viu na contramão do possível, embarcando num navio para fora do Brasil, como um 'faz tudo', levado por um conhecido que lhe arranhou os papéis. Foram meses... Toronto, no Canadá, foi seu lugar para recomeçar, do zero. E hoje, depois

de tanto tempo, aprendera amar e sentir como fosse seu aquele país incrível, com suas regras, seu clima, suas línguas. Não podia reclamar, lá se casou e tivera filhos. Chegou à pousada pela noitinha, estava exausto. Tomou um banho, um chá com torradas e foi dormir. Na manhã seguinte acordou tarde. A manhã estava plena. O sol já estava quente "Ah, o Sol, como pude esquecer desse afago!"

Escolheu uma mesa à sombra de um frondoso pé de tamarindo, o mesmo que muitos passarinhos haviam também escolhido. Sentou-se para saborear sucos e algumas frutas, dentre elas, algumas já excêntricas, ele nem se lembrava mais de seus cheiros e seus sabores. Um som muito forte e próximo quase feriu seus ouvidos, de repente aquele som foi se multiplicando... multiplicando e ele simplesmente fechou os olhos e se deixou levar. “As cigarras... como pude me esquecer delas?” Se viu menino correndo com seus amigos para capturá-las, trancá-las numa lata e depois segurar apertando-as nas mãos para que elas cantassem mais e mais.“

As lembranças vinham aos borbotões, banhos de balde à beira do poço, “não deixa cair sabão no poço, estraga a água.” Banho no valão porque quando chovia, ele se avolumava como rio de peixes “saíam já daí ou pegam doença.” Balançar nos cipós dentro da mata, “isso não é cipó, é cobra cipó. Corre que ela vem atrás, mas cadê as pernas dela?” Subir na mangueira, comer fruta no pé “pega aquela... também quero.” “Vamos trepar no pé de jabuticaba? Hummm acho que engoli muito caroço, será que vou ficar entupido? Mamãe falou pra não engolir.” Ah, descer morro num papelão ou tábua sobre bambus, “piuí...sai da frente...meu trem tá passando.” Chegar em casa mancando, espinhos nos pés, roupa rasgada, pernas e braços lanhados... “vai já pro banho!” dói, arde, espeta... ”Como pude esquecer tudo isso? Bastou um gatilho, um simples som de cigarras pra me levar ao passado e reviver esses momentos tão felizes da minha infância!”



ANA PAULA MACIEL VILELA

É fisioterapeuta, instrutora de Lian Gong em 18 Terapias e outras práticas da medicina chinesa.

Escreve desde adolescente e já participou de algumas antologias, incluindo as do “Clube de Leitura da Casa Amarela”.

A família, o bordado, a natureza e conversar com plantas e bichos alimentam sua alma.

A LISTA

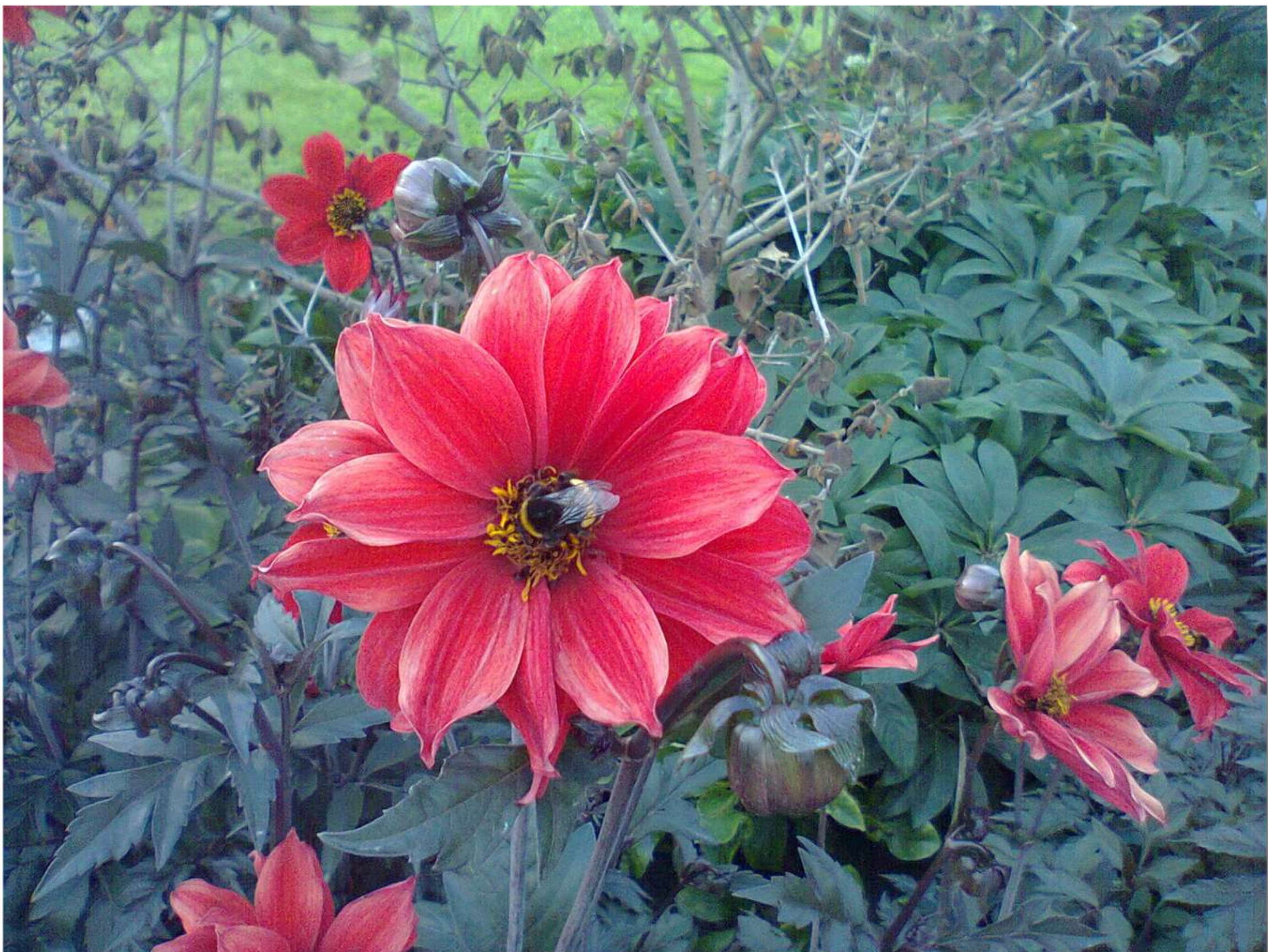


Foto: Ana Paula - 2023

Espreguiçar
Mover tornozelos
Virar de lado
Andar pela casinha
No quadro
Segurar entre as mãos

A xícara de café
Sentir o calor
Sentir o aroma
Sentir o sabor
Pela janela da cozinha
Assistir clarear o céu
Ler palavras e imagens
A caneta colorida
Aponta passagens
Que me atravessam
A porta da cozinha
Se abre para plantas
E o olhar do cão
Onde minha imagem se funde
À sua alegria genuína
Dia frio
Sol na pele
No livro entreaberto
A poesia
Na rede aguarda
E o céu de outono
Acolhe o que de mim transborda,
Felicidade.



ANABELLE LOIVOS CONSÍDERA

Sou professora da Faculdade de Educação da UFRJ, escritora, ativista cultural e mãe da Aymée. Sou, ainda, leitora do Clube de Leitura da Casa Amarela, espaço de ideias plurais e novas escrituras. Minha crônica para esta antologia fala um pouco de minhas marcas e meus marcos, como o aniversário de 50 anos. É minha maneira de expressar meus espantos e meus movimentos, ou uma forma de me sentir e estar viva. Viva a literatura!

MEUS 50 ANOS



Foto Jidduks

Então, são meus cinquenta anos. Sim, amanhã, 25 de setembro. Chego àquela metade simbólica da *vidaloka* (sim, como minha avó, que dizia que viveria até os 100 anos e apagou as últimas velinhas aos 90). Simbolicamente, também, vejo o tal filminho passando na cabeça. Daria um roteiro de Almodóvar.

Gel de purpurina verde no cabelo pra pular o Carnaval. Naquele Carnaval em que me *shiparam* com o Marcelo da 6ª série e ele veio de outra cidade, só pra cumprir aposta feita com os amigos de que ficaria comigo. Mas perdeu. A gente só tinha 12 anos. Lembro do Fusca 1300 vermelho em que fiz a prova de trânsito do Detran. O instrutor estranhamente não me pediu pra fazer a baliza e me aprovou. Trinta anos depois eu fiz prova para pilotar moto, passei de primeira. Tive muitas questões com a minha maternidade, porque é *punk* criar uma menina feminista e antirracista. Tem uns livros que escrevi pra sobreviver a mim. Preciso tanto da escrita quanto da sala de aula quanto das viagens. Sou uma mulher de meia idade que se sabe muito mulher e acha que merece um registro artístico disso que tenho de muito meu: olhos que perscrutam, voz que preenche, corpo que se expressa e se dá até no bailado. Estar em movimento me vivifica.

De chofre, me lembro dos cadernos encapados de plástico de bolinhas verdes, na 3ª série. Da mariola com Mineirinho, no recreio da escola. Da minha posse como professora do município de Cantagalo. Lembro da música de Edith Piaf que tocava no cassete do carro vermelho com que o primeiro amor foi me pegar na faculdade e das fotos que fez do meu rosto e dos meus cabelos à Juma Marruá. Tem muita coisa de que me esqueci porque não quero lembrar. Não gosto de lembrar dos amigos que se foram antes de mim, sem pedirem permissão pra vida. Ninguém me faz acreditar que eles deram errado e eu continuo aqui tendo novas chances de fazer dar certo. Não, eu me recuso. Dentro de alguns anos não poderei mais pilotar minha moto. O sol será demais, o vento será insuportável. Pode ser que eu venda minha casa na cidade grande e compre uma casa em Cantagalo, com rede quintal orapronobis janela de madeira e vitrola Sony. Morarei defronte à Praça João XXIII, onde passarei as manhãs lendo e rabiscando caricaturas, como fazia quando era adolescente. No fim, todo ocaso é retorno às raízes.

Mais *flashes* me vêm, são matéria de minha carpintaria poética. As tatuagens, os cortes de cabelo, as cores das unhas. A aula de violão e canto, o lanche com a galera no *trailer* de hambúrguer depois da aula. O dia do casamento, mesmo dia da partida da avó, anos depois. As festas juninas na escola, a Mobilete que era meu meio de transporte para o trabalho, as férias em Rio das Ostras. E o sol, o sol que queimava meu corpo, um corpo que queima, ainda agora.

O grande amor aconteceu na casa dos vinte anos. O teste positivo de gravidez, na casa dos trinta. Na casa dos quarenta, múltiplos espantos: com os homens, com a política, com a fé, com os caminhos. Pronta para o que os cinquenta me trazem? Talvez. Com certeza não, mas _ e daí? Vida, vida, vida _ e mais o que a gente faz dela. Agora, é viver substantivamente e bem e além.



ANGELA MARIA QUINTIERI

É bióloga (sua paixão), é Professora de Ciências e foi Diretora de Escola durante 23 anos no Complexo do Alemão.

Foi lá que aprendeu a ouvir, respeitar e a silenciar sem baixar a cabeça.

Sempre gostou de ler, mas gosta ainda mais, quando passou a fazer parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.

AGORA VOCÊS ACREDITAM POR QUE EU NÃO PODIA ESCOLHER OUTRO PRESENTE?

A CRIANÇA OLHOU PRA MIM E PERGUNTOU:
"A FLOR TÁ NUA OU TÁ BEM VESTIDA?"

OSWALDO MONTENEGRO



Arte de Angela Quintieri a partir da foto de Conceição Spiguel

Eu tinha quase seis anos, e ainda acreditava em Papai Noel. Na minha época era uma fantasia quase obrigatória, de toda criança sonhadora e cheia de esperança. A gente acreditava que o Papai Noel era uma pessoa que só aparecia uma vez ao ano. Ele aparecia no Dia de Natal, somente para dar felicidade às crianças.

Mas às vezes eu ficava sem entender porque ele não levava a mesma felicidade para alguns amiguinhos meus da escola e para os meus vizinhos iguais a mim.

Só muito mais tarde, eu percebi que essa felicidade não era para todos. Era só para quem podia...

Bem... isso é um outro assunto.

Vou voltar então, para a minha fantasia, para minha certeza que ainda era inabalável e para UM AMOR INCONTESTÁVEL QUE NUNCA DESISTIA. PARA UM AMOR QUE NUNCA SE CANSAVA.

Sempre que iniciava o mês de dezembro, eu e meu irmão começávamos a pensar no que gostaríamos de pedir para o Papai Noel, porque segundo minha mãe e meu pai, ele precisava de muito tempo para encontrar o que cada criança desejava. Eles incentivavam a mim e ao meu irmão, que escrevêssemos uma cartinha para o Papai Noel pedindo apenas um brinquedo que gostaríamos de receber, porque o Papai Noel não ia aguentar levar tantos presentes.

Eles pediam, também, que colocássemos uma segunda opção, caso ele não encontrasse a primeira.

Nós queríamos escrever correndo, mas a minha mãe não permitia uma carta mal escrita e com erros de grafia. Depois que terminávamos ela lia com carinho, mostrava para o meu pai, corrigia os erros de grafia e pedia que passássemos tudo a limpo.

Mas naquele ano os dois levaram um tremendo susto com o meu pedido muito difícil de se conseguir. E sem a segunda opção ficou totalmente impossível.

Pois bem: eu pedi um boneco preto para ser irmão do meu boneco branco.

Na época não se viam bonecos pretos. O racismo era muito forte, ainda, e os meus pais sabiam disso e sendo assim tinham quase certeza que não encontrariam o meu presente, infelizmente.

Pediram que eu pensasse melhor, mas eu não mudei de ideia e não quis pensar em outra opção.

E assim diziam eles: o que não tem remédio, remediado fica.

A minha mãe que trabalhava na CENTRAL DO BRASIL pensou que talvez por trabalhar no Centro da Cidade, conseguiria comprar esse presente. Ela almoçava correndo e saía por aquelas ruas entrando em milhões de lojas para procurar o meu boneco preto. E à noite me contava o que o Papai Noel falava pra ela: está difícil, mamãe. Pede para a Angela escolher outra coisa. Mas a minha resposta era sempre a mesma: diz pra ele que não quero outra coisa. O Papai Noel vai conseguir, eu sei disso mamãe. E eu só pedi uma coisa, eu não quero mais nada, e ele, mãe, conhece lojas no mundo inteiro. E assim, o tempo que não espera, foi passando, foi passando e foi chegando bem perto do dia de Natal e o Papai Noel coitado, ainda não tinha conseguido encontrar o meu boneco.

Então, lá pelo dia 20, eu acho, a minha mãe resolveu seguir os conselhos sem muita convicção dos vizinhos, dos seus colegas de trabalho, dos meus avós e do meu pai, que apesar de tudo, sempre dava uma olhada nas lojas por onde passava. Ela falou quase decidida para o meu pai:

_ Hoje, Beto, talvez seja a última vez que vou procurar por esse presente. Sinto muito pela nossa filha. Eu sei que ela vai sofrer muito. E vai sofrer, porque acredita que o PAPAÍ NOEL tem o poder de fazer uma criança feliz. Ela vai precisar muito da gente e de uma boa explicação.

Só mesmo um milagre vai trazer esse boneco preto para ela. Quem sabe, vai ser hoje, não é?

Vamos rezar.

E lá se foi à luta, mais uma vez, a pessoa que nunca se cansava, mas foi na esperança ainda muito remota, de encontrar o meu presente.

E andou muito como sempre, e nada encontrou. Mas quando resolveu voltar dessa busca incansável ela viu de repente, uma ruazinha meio escondida. Ela nunca tinha passado por ali e resolveu dar uma pequena olhada em algumas lojas. Quando ela entrou na segunda, porque na primeira, não viu nada, ela olhou para uma prateleira bem alta e pensou que viu uma perninha pretinha pendurada.

Meu Deus!

Eu não acredito! Não deve ser real.

Acho que estou tendo uma alucinação. Hoje, eu comi muito pouco, deve ser por causa disso. Estou vendo coisas.

Credo!

Mas resolveu perguntar meio sem graça ao vendedor se aquela perninha era de um boneco preto. E ele, simplesmente, disse que sim. Eu tenho mais outros. A Sra. pode escolher.

A minha mãe ficou tonta de emoção e quase caiu.

O vendedor sem entender nada, puxou uma cadeira para ela se sentar. E perguntou logo em seguida, se ela estava se sentindo mal, e se ela queria uma aguinha ou um cafezinho.

É uma pergunta que todo mundo faz quando vê alguém numa situação diferente. E, então, com seus olhos cheinhos de lágrimas, ela contou para o vendedor toda a história desse meu desejo. O vendedor que ficou tão emocionado quanto ela, trouxe logo um cafezinho e fez um embrulho lindíssimo, digno de um sonho de criança que conseguiu ser realizado por um amor incansável, persistente.

E assim, chegou o Dia de Natal. Acordei muito cedo e corri para abraçar o meu boneco pretinho. Eu sabia que ele estava ali. Eu sabia que o Papai Noel não se cansava. Quando segurei o meu bebezinho pretinho, eu olhei pra minha mãe e pro meu pai, e disse:

_ Agora vocês acreditam, que o PAPAÍ NOEL, conhece muitas lojas? Agora vocês acreditam porque eu não podia pedir outro presente?

Vocês não dizem que não existe um presente maior na vida de um pai e de uma mãe?

E como dessa vez, eu estava feliz demais, resolvi dar uma voltinha na vila em que eu morava pra mostrar o meu novo filho. Eu era muito tímida, mas peguei o meu boneco branco num braço e o preto no outro e fui desfilando com os meus dois filhos pela minha vila de 10 casas.

E quando os vizinhos me perguntavam como eu podia ter um filho pretinho sendo assim, tão branquinha, eu respondia toda feliz:

_ O pai dele é preto, e estamos muito felizes.



CLARAEMES

Esta Clara (de muitos) Emes é carioca, radicada em Saquarema há 3 décadas, onde se aposentou como professora municipal, trabalhando em sala e bibliotecas escolares.

Adora ler, ouvir música e estar sempre plantando, tirando muda e colhendo.

Faz parte do Clube de leitura da Casa Amarela.

A PRIMEIRA IDEIA DE FELICIDADE



Foto Claraemes

A primeira ideia de felicidade me chegou através de uma história vivida e contada por meu pai.

Por entrar em mim em tão tenra infância- não sei ao certo precisar, mas antes dos cinco anos , certamente - e por meu pai começar dizendo que a viveu quando tinha a minha idade, eu a (re)vivi muitas vezes dentro de meu coração como se a criança agraciada daquele modo tão especial fosse eu .

Carlinhos, assim era chamado o caçula entre os meninos, tinha quatro anos quando seu pai morreu, deixando uma filharada de 12 filhos, e uma mãe devastada pela perda do amantíssimo esposo que todos os dias do seu matrimônio lhe deu um mimo, além de grandes provas de amor, como quando desviou o curso de um rio para encontrar a aliança de casamento que sua Carlota perdera em um banho. Desviado o rio, seu leito de areia peneirado, a aliança encontrada foi recolocada no dedo anular de sua mulher.

Carlota, com a morte aos 59 do esposo, delegou o cuidado dos filhos pequenos à Dade, governanta, e às filhas e aos irmãos maiores e passou um período longo fechada em seu luto. A menina caçula de dois anos e o menino de 4, eram a maior preocupação de todos. Carlinhos passou a não deixar ninguém pentear, muito menos cortar os cachos de anjinho de seus cabelos finos. Aprendeu a desfazer seus nós. Só Dade podia passar a mão sobre sua cabeça para verificar se estava bem penteado. E lá se ia o menino para seu carrinho brincar sozinho.

Dois meses antes do Carnaval, Dade, que era foliã, vivia o dilema de desfilar na avenida, só no domingo, ou não brincar aquele ano por conta da tristeza geral da casa da patroa, a quem servia há mais de 30 anos, tendo acompanhado o nascimento de todas as crianças, assistido na enfermagem junto com Carlota a todos os doentes de gripe espanhola do bairro - as duas invencíveis, por um tratamento que tinham feito com um médico amigo do vovô, com um poderoso emplastro indígena que as imunizou ao vírus que matou metade do Rio de Janeiro. Tanta coisa vivida naquela família, com aquela patroa amiga, agora assim tão desconsolada já fazia muitos meses. E o Carnaval chegando...

E se levasse os mais pequenos pra avenida? A menina de 2 nunca iam deixar, mas o Carlinhos, tão próximo dela... como poderia deixar o governo da casa l e tirar os 3 dias no Carnaval, visitar sua gente de samba, de morro.

Um dia ao menos...

O menino! Ele já tinha visto o desfile do Corso no colo do pai no ano passado, depois passara uma semana arrumando fantasia, fitas enroladas no pescoço, nos cachinhos, o anjo.

Dade fixara essa ideia como grude, levar o menino no carro no desfile, ela de rainha e de príncipe consorte em pezinho no banco, o centro das atenções na avenida. Mas como é que isso podia se realizar? Não iam deixar, mesmo que tivesse dinheiro e não pedisse nada à patroa, nem aos irmãos mais velhos.

Dade passou dois dias sonhando com o rapto de Carlinhos, imaginando detalhes da mentira de levá-lo para visitar sua irmã doente em casa no morro, e sair com o menino no domingo de Carnaval.

Mas Dade bem tinha dinheiro, as suas economias, seu capricho de pagar o próprio enterro com beleza e dignidade. Na bolsinha, junto com as notas, deixara bilhete extenso, com tudo determinado como gostaria que fosse.

Se morresse quarta-feira de Cinzas, então, seria a Glória!. Já entrava no céu na penitência da Quaresma. Depois de 49 dias, perdão na certa dos pecados, ia bater na porta do Céu.



CRISTIANO MOTA MENDES

Nasci em São Luís do Maranhão.

Os primeiros passos na música vieram da voz de minha mãe.

Aprendi a ler deitado numa rede e as palavras me diziam outros sentidos.

Depois é que veio o mundo.

TAMBORES FAZENDO A ALMA DANÇAR



Foto: Cristiano Mota Mendes

Felicidade

Fecha os olhos e abre a boca. Chocolate, nectar, cereja.

Abre os olhos: a lua.

Pão meia-lua com mel.

O vento jasmim, o céu-violeta confeitado o tempo.

O mar: "e no entanto o mar jazia perto/embrulhado em seu barulho azul".

Doce aria de Vivaldi, de repente os violinos piram nas oitavas superiores. Som de oboé e bandolim.

Tambores fazendo a alma dançar. Voz preta e saia rodada.

Rede balancando em fim de tarde.

Riso de criança.

Velhos na porta de casa lembram de um filme de Ava Gardner. Cinema na rua.

Esmeralda do Eter borboleteando no ultimo raio de sol.

Noite chegando.

Passos na memoria.

Pode entrar, a casa e tua.



ELIANA RODRIGES DA CUNHA MIRANZI

*É uma leitora voraz, apaixonada por poesia e artes.
Lecionou Inglês e História da Arte.*

Hoje, aos 75 anos gosta de estimular crianças, jovens e adultos no caminho da informação, cultura e arte...A poesia embala seus dias e a pintura adoça seu coração.

DESEJO PARA UM ANO NOVO



Foto: Eliana Miranzi - 2023

Risadinhas de criança
Perfume de manacá
Canto de passarinhos
Pôr do sol pra se sonhar
Noites de luas cheias
Chuvas de verão
Flores de maio
Brisa fora da estação
Amores eternos
Presentes- surpresa
Visitas inesperadas
Contemplação da beleza
Sorvetes de casquinha
Bombons fora de hora
Banhos de cachoeira
Alguém que te namora
Viagens, lindas viagens
Livro novo para ler
Alguém dizendo “Te amo”
A vida um só bem-querer.



ELISA PEREIRA

Sou educadora, amante da natureza, dos humanos e de um bom copo de vinho na companhia de amigos. Adoro estar com minha família, cozinhar, ler, assistir a um bom filme, viajar e compartilhar meu cotidiano com meu marido e companheiro de vida, Leopoldo.

FELICIDADE



Foto: Elisa Pereira- 2023

Que a felicidade seja cobiçada, procurada, almejada é o natural de nós, humanos. O divertido é ver que ela muitas vezes está bem ao nosso alcance e nem nos damos conta disso. Descobrir que ela é assim brincalhona, muitas vezes surgindo revestida de roupagem sisuda ou desconfortável, é a grande sacada. Quantas vezes ela está bem ali e continuamos nossa caça a este tesouro, tão simples e bonito? Ela vai e volta, ela se esconde, mas deixa rastros visíveis. Precisamos abrir o coração e os olhos, ativar o humor, a leveza e a aceitação para entrar neste jogo. Em meio ao turbilhão da nossa existência ela está ali no sorriso do companheiro na fila do pão, na ajuda para tirar a sacola pesada do carro, na gentileza do bom dia do vizinho no elevador. É assim: uma brincadeira de esconde-esconde mas que, se prestarmos atenção, veremos que ela está nas pequenas coisas, o tempo todo. Também nas grandes ocasiões, é claro. No nascimento de uma criança na família, na conquista de um objetivo, na realização de um sonho, no encontro com um amigo que estava distante. Mas, treinar nossa alma para ficar atenta aos pequenos movimentos deste jogo, que a qualquer momento pode nos surpreender, isto é trabalho de uma vida. Felicidade, pra mim, é assim: efêmera, mas possível sempre que abro o coração sem muitas pretensões, apenas oferecendo o meu melhor. Ela chega, preenche a minha alma e passa. Ninguém vive em estado de felicidade permanente, eu acho. Precisamos estar dispostos a navegar nesse movimento lúdico de vai e vem que a vida nos proporciona.



EVELYN KLIGERMAN

Sou escultora e ceramista de alma, amor e profissão. O Clube de Leitura da Casa Amarela me trouxe a recente paixão de escrever microcontos.

E graças à Roseana Murray e Jiddu K. Saldanha, oferecemos esse lindo e-book.

CORAL DE PÁSSAROS



Foto: Elisa Pereira- 2023

Foto: jidduks

Foram quase 30 anos, mais precisamente 28 anos e oito meses.

Senti quando era agarrada, e sem pensar dei um golpe e ouvi o barulho do corpo caindo. Era forte, fazia artes marciais. Mas quem acredita numa preta alegando legítima defesa, ao lado de um corpo branco estendido no chão?

Tive que me reaprender e sobretudo inventar artimanhas para seguir acordando cada manhã numa cela repleta e mínima.

Gostava de fechar os olhos e ouvir o canto dos pássaros. Era minha meditação. Os sabiás, canários, bem-te-vis, as maritacas. Regia aquela orquestra, a música pássaro entrava em mim.

Um dia chegou o último dia.

Portas abertas, livre...

Acordo molhada de suor. Tonta, sem entender. Olho pela janela e ali está a mirra cheia de flores, o céu azul.

Ouçó as vozes, mãe, pai, irmãos. Ouçó meu coração galopando.

Ao meu lado, na cama desfeita, repousa o livro com sua personagem que se misturou comigo, e eu já não sei se foi tudo um sonho, ou se o livro entrou dentro de mim, só sei que me sinto livre, livre, livre.

Abraço o livro, desço as escadas da casa, saio aos pulos, não existe a prisão, mas o coral dos pássaros me faz levitar, estão vívidos em mim.

Felicidade?



FERNANDO QUEIROZ

Nasceu em Niterói - RJ. Possui graduação em Administração de Empresas, MBA em Gestão de Recursos Humanos, MBA em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia, pós-graduação em Filosofia e Autoconhecimento.

O encanto pela poesia foi despertado com o prazer da leitura deste gênero literário. Possui textos publicados em diversas antologias e concursos.

SIGNIFICADO



Foto: Fernando Queiroz - 2023

Lá pulsavam expectativas
As manhãs espargiam
Seus estáveis aromas
Transformando o recinto
De ingênuas brincadeiras
Em refúgio farto de esperança

Oito formavam aquele núcleo
Depois sete: ficou diferente
Ausência que inseriu
Ceticismo ao cotidiano
Trazendo instabilidade ao convívio

Tão brevemente ela multiplicou-se
Projetando a luz da sua fé
Nos caminhos que eles percorriam
Almejando impedi-los de submissão ao destino
Transformando desassossego em confiança

Aprenderam que a felicidade
Emana de uma construção
Sendo a harmonia um de seus alicerces
Que, unidos, poderiam mover a alavanca do mundo
Assim, nem a pátina do tempo
Dissolveria os ensinamentos oriundos daquela matriz

A vida seguiu, eles seguiram,
Graças a ela
Graças a Deus
Que os abrigou nos braços dela
Retratada em monossílabo,
Esculpida em significado
Que cabe o infinito: Mãe



FLORA TROPER

Flora Troper é arquiteta aposentada. Nasceu em Recife onde cresceu e se formou. Morou no Rio de Janeiro e hoje mora em Saquarema. Sempre gostou de escrever, hábito que ainda cultiva. Entre seus hobbies também estão fazer cerâmica, tocar teclado e ler, o que é enriquecido pelo Clube de leitura da Casa Amarela!

DIÁRIO DE VIAGEM



Foto: Jidduks

Querido diário 18/11/1953

Há vários dias que não me sento para te escrever! Entretanto, se te disser o motivo do meu esquecimento, creio que não hesitarás em dar-me razão.

Creio já te ter mencionado, por entre lágrimas, o nome do meu irmão, de quem há 20 anos não recebia notícias; já o dava como morto.

Pode te parecer estranho, como também me pareceu, mas quero dizer-te que há alguns dias recebi uma carta de Las Vegas, cujo remetente indicava o nome do meu irmão. A princípio, assustei-me, mas logo sobreveio o espanto, misto de alegria. As lágrimas que escorregavam livremente de meus olhos, confundiam-se com um riso de satisfação e incredulidade. Ele me chamava para junto de si e explicava que, há vários anos, procurava saber de meu paradeiro. Felizmente, porém, as buscas que ele já acreditava serem em vão, não foram inúteis. Juntamente com os papéis em que, dizia ele, era impossível por meio de palavras traduzir a satisfação e a ansiedade de tornar a ver-me, vinha a passagem para Las Vegas. Enviava só a ida, pois, como ele próprio mencionou, pretendia passar o resto de seus dias a meu lado.

Imediatamente, comecei a preparar-me para a grandiosa viagem. Não é necessário dizer-te que a noite não consegui cerrar os olhos a não ser para imaginá-lo de mil maneiras. Dois dias após, entrava num trem de segunda classe, a única passageira com destino a Las Vegas. Era tanta a minha ansiedade e não tão grande a curiosidade, que pareceu-me ver parados os ponteiros do relógio.

O trem corria velozmente. As paisagens pareciam querer fugir de meus olhos cada vez que me quedava a observá-las através da minúscula janela.

Finalmente paramos numa pequena aldeia onde deveria esperar até o dia seguinte quando, então, tomaria um avião que me deixaria a poucos quilômetros de Las Vegas.

A aldeia era pequeníssima e nada havia que me chamasse a atenção. Entretanto, tinha a impressão de que todos pareciam querer devorar-me com os olhos. Pela primeira vez, desde que recebi a carta, consegui conciliar o sono. Na manhã seguinte, acordei disposta e deixei o melhor hotel da aldeia que, aliás, não se comparava com o pior da minha cidade e dirigi-me ao aeroporto. Tive a impressão de que meu coração iria explodir de tão forte que pulsou quando o aeromoço chamou os 32 passageiros. Minhas pernas tremiam tanto que pensei que não ia conseguir subir a escada.

A viagem decorria otimamente. Entretanto, quando eu havia conseguido cerrar os olhos, eis que um grande ruído fez-me sobressaltar. Um dos motores começou a falhar; dentro em pouco, com o suor a escorrer pela testa, o piloto anunciava a aterrissagem forçada que teria de ser feita em meio da selva.

Era perfeitamente legível o terror que se estampava nos olhos dos passageiros. Não sabíamos onde estávamos, porém retiramos dos restos do possante avião o que nos foi possível e começamos a caminhar. E caminhamos dia e noite, passamos por lugares terríveis! Finalmente, após cinco dias de fatigável caminhada, chegavam numa rústica aldeia, os 29 sobreviventes do terrível desastre. Três pessoas, dentre elas uma criança, foram tragadas pela areia movediça. Finalmente, dirigi-me a um hotel para descansar.

Os acontecimentos dos últimos dias dançavam em minha mente num ritmo terrível. No dia seguinte pela manhã, mais calma, fui até a estação e soube que logo mais à noite, sairia um ônibus com destino a Las Vegas.

Mal pude passar as poucas horas que distavam do momento em que venceria a última e mais fácil etapa da viagem.

À tarde, passei pela aldeia e preparei-me para novamente empreender uma viagem.

Cheguei agora ao ponto onde ora me encontro. Estou sentada numa confortável poltrona do ônibus, contando os quilômetros que separam dos meus, os braços do meu irmão. Como tu mesmo podes observar, somente agora tive oportunidade de relatar-te os acontecimentos. O ônibus já está chegando à estação rodoviária e terei agora de fechar-te. Quando finalmente puder conter as lágrimas que, certamente, rolarão de meus olhos ao abraçá-lo, virei contar-te como sucedeu o encontro.

JORNAL PEQUENO - 19/11/1953

Senhora atropelada por um ônibus quando, após 20 anos, corria em busca do abraço fraternal. Foi encontrado apertado entre seus dedos, este diário de viagem a que transcrevemos acima. A vítima morreu instantaneamente.



HELOISA DE SOUZA

Heloisa de Souza, professora de Língua Portuguesa e Literatura da Educação Básica, moradora de Saquarema. Ama, sobretudo a Literatura e as relações que estabelece a partir dela, seja com os alunos, seja com os amigos que a arte lhe deu.

FELICIDADE



Foto: Heloisa de Souza

Foi aquele susto.

Como assim? Acabara de ter o bebê, um menino lindo e saudável, fazia poucas horas, estava sozinha, com dores, e uma tosse seca, que parecia sacudir internamente todos os seus órgãos, persistia em lhe acompanhar desde antes parto, alias fora o resfriado, que lhe deixou a tosse como herança, e antecipara o parto.

Não estava nem um pouco disposta a fazer nada. Aliás, ela mesma, precisa ser cuidada por alguém. Alguém que pudesse fazer algo, um chá, um remédio, uma poção mágica, qualquer coisa para que aqueles pontos parassem de se fazer lembrar um a um toda vez que tossia.

Quando era pequena, sua mãe sempre tinha um remédio, um xarope, feitos com as mais diversas ervas, que eram capazes de “bater e valer”. Ela sabia curar rápido qualquer doença ou mal-estar. Queria sua mãe ali. Por que tomara tantas decisões erradas?

Se olhasse para trás, não saberia dizer o que a fizera chegar àquela situação: sozinha, em um lugar que havia feito conhecidos, é certo, mas nenhuma amigo ou amiga, ninguém que realmente se preocupasse com ela a ponto de mudar a totalidade da própria vida para ajudá-la.

De quando em quando, a enfermeira entrava na enfermaria e falava que logo traria seu bebê. Sua fala lhe soava como ameaça ou punição. Lembrava de cenas de filmes e novelas, quando as mães pegavam seus filhos logo após o parto. Eu não posso ainda, repetia mais para ela própria, de forma quase inaudível, do que para a mal-humorada enfermeira ou suas colegas de quarto. Eram umas seis ou cinco camas naquele hospital público onde enfim conseguira uma vaga para ter o filho de um relacionamento, ora, não podia nem definir assim, pensava quando lhe perguntavam sobre o pai da criança. Foi um encontro num bar, em uma noite quando a solidão chegava doer, que resolvera sair para beber, e quem sabe, namorar.

O beco de trás do bar que presenciara o surgimento daquela nova vida. Depois do sexo rápido, já estava arrependida. Em plena lucidez, aquele era um tipo de homem do qual nunca se aproximaria. Também lá em seu íntimo, não poderia dizer que, de uma certa forma não desejasse por aquele encontro apenas para procriação. Havia pensado naqueles dias sobre a possibilidade de ter um filho, formar ela sua família, alguém para ser seu companheiro pro resto da vida. Prometera, não ferir, não magoar, pedir perdão, e reconhecer os próprios erros. Havia aprendido com o tempo algumas leis da vida.

Quando a enfermeira chegou com o bebê nos braços, quis alertar sobre sua incapacidade de cuidar, quis implorar, voltar no tempo lá no beco e parar... Nas mídias, aquele momento era sempre tão lindo... Pensou que talvez, ser mãe, não fosse para ela. Não estava pronta.

A mulher lhe passou aquele neném empacotado, só rostinho de fora. Pegou, ainda meio a contragosto. Olhou para a boca, nariz e foi então que seus olhos enxergaram os dele. E ela sorriu, um riso profundo, imenso, que jamais poderia imaginar que pudesse tê-lo. Seria capaz de suportar as dores do mundo. Teria forças para protegê-lo. Se pudesse, aquele menino seria chamado de Felicidade.



JANIR LAGE DA SILVA

Nasceu em Petrópolis. Aposentou-se em 2021, como professora.

Não satisfeita voltou a estudar. Está fazendo uma graduação em Ciência da Felicidade.

Nas horas vagas borda, borda, e borda: Pássaros, flores, bichos, luas, estrelas e principalmente palavras.

SIMPLES ASSIM



Bordado: Janir Lage - 2023

Um dia maravilhoso apareceu para marcar presença. O sol que o acompanhava, sem pedir licença entrou pela sala e convidou-a para sentar no sofá junto com ele.

la dizer que não. Que tinha louça e roupa para passar, casa para varrer. Essas coisas bobas e necessárias que às vezes tiram o encanto da vida.

Ele repetiu o convite e ela resolveu sentar de uma vez, para não se atrasar ainda mais.

Achou engraçado estar ali naquela hora. Lembrou que quase nunca sentava nele, assim como também quase nunca ficava na varanda do apartamento. Varanda, que fez questão que tivesse quando o alugou.

A sensação era muito boa. Foi embalada delicadamente pelos seu raios. Começou a sentir sono embora tivesse dormido (ou melhor desmaiado) toda a noite anterior depois que se deitou exausta.

E ficou ali. Achou que dormiu? Que sonhou? Sim, porque pouco a pouco eles foram chegando. Eram muito reais porque eram sonhos da vida dela.

Viu-se criancinha brincando de fazer comidinha, soltando pipa, pintando as unhas com pequenas pétalas de flores vermelhas, indo à missa com roupa de domingo e ganhando pão com doce como recompensa.

Viu-se com o namorado ganhando o primeiro beijo, indo a festas, dançando em bailes, estudando, trabalhando, casando, tendo o primeiro filho.

Acordou assustada com o barulho das crianças chegando da escola.

Olharam muito assustados perguntando se ela estava doente.

O sol tinha ido embora, mas o dia continuava maravilhoso.

Levantou correndo dando um monte de desculpas ridículas que nenhuma delas acreditou.

Pegou a vassoura e começou a varrer rapidamente o chão que estava cheio de palavras recortadas do jornal por conta de uma atividade escolar que fizeram.

Uma não queria ir embora. Não combinava com as outras letras do jornal. Eram grandes e coloridas.

Pegou-a e leu: FELICIDADE.

Voltou a sentar no sofá agora entendendo quem além do sol lhe fez companhia naquela manhã.



KÁTIA RODRIGUES

Sou Kátia Rodrigues, professora de Língua Portuguesa e Francesa, amo escrever poemas, componho sambas-enredo na Mangueira(RJ) e na Unidos de São Lucas(SP). Participo de algumas antologias e tenho um e-book “Voz Negra de Persistência”, além, do Projeto Escrever e Ler: um Direito de Todos, em Duque de Caxias.

O QUE SERÁ A FELICIDADE?



Foto: Jdduks

Escrever um poema?
Ser amada ou amar?
Amor correspondido?
Ser livre?
Ser presa a um amor
que cerceia a liberdade?
Poder ter escolhas?
Ter o famoso livre-arbítrio?

Ser consciente a tal ponto de ter
discernimento?
Escolher um dia
para não pensar?
A tal ponto de ser livre?
Ou será que ser livre é:
Ausência?
Reflexão?
Disciplina?
Ou a felicidade é
sintética,
analítica,
ou sintática?
É tudo ou nada?



LÊDA ARISTIDES

É do Rio de Janeiro, carioca, mãe de 2 filhos e gosta de bichos. Em pequena, brincava de Professora com as bonecas. Criava histórias em mini livrinhos, feitos de sobras de papel, da gráfica do pai. Os retalhos, das costuras da mãe, viravam figurinos para o teatrinho com os primos. Hoje aos 74 anos, é Professora-Aposentada de Literatura e de Teatro na Educação. Publicou 5 livros para crianças sobre bichos e medo de monstros!

Atualmente, faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.

FELICIDADE EM FLOR

JARDIM DE SEMENTES POÉTICAS



Foto Lêda Aristides

Decreto Especial para neologismos com o algoritmo do Amor;

Ultimamente tenho pensado em flores! Talvez por conta dele, que era jardineiro de coração...A cada semente plantada, uma flor florescia...Por isso, Felicidade para mim é sempre em flor!

Então... saibam todos que, neste texto, fica decretado pela Poeta que - no Jardim de Sementes Poéticas - os estados especiais de Felicidade serão nomeados como...

Florescidade!!!

Art. 1º - Florescência para mim é: semente que se planta e se colhe com a mão!

Art. 2º - Florescência para mim é: semente, jogada na terra, transformando-se em Flor!

Art. 3º - Florescência para mim é: semente, jogada no coração, transformada em Amor

Art. 4º - Florescência para mim é: a pergunta-semente que precisa parir, para nascer na resposta!

Art. 5º - Florescência para mim é: o filho que não mais cabe no ventre e se faz nascido para a gente!

Art. 6º - Florescência para mim é: amizade que cura, perto ou longe do coração!

Art. 7º - Florescência para mim é: poesia-semente, que se pode aspergir ao léu...

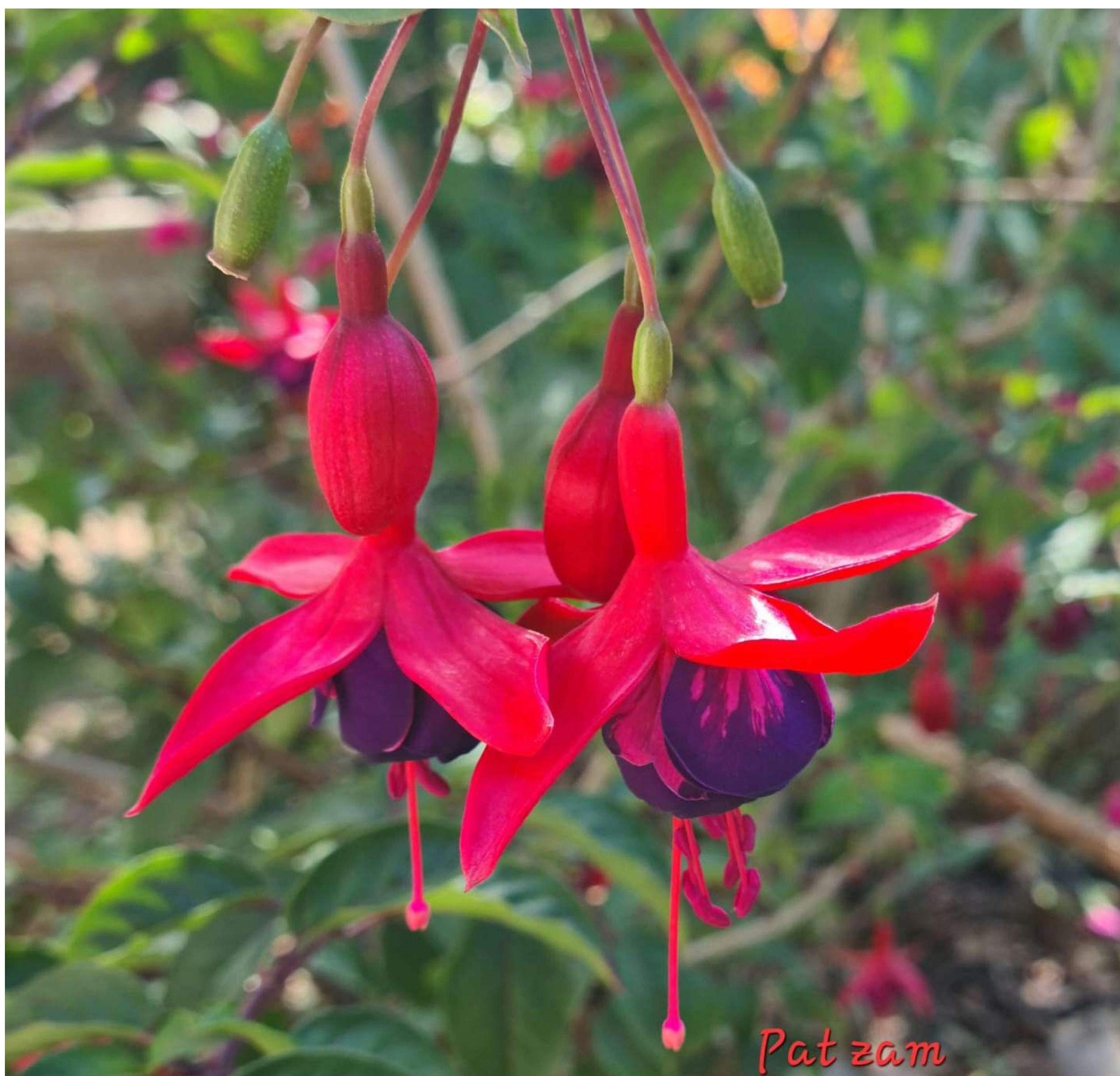
Art. 8º - E para você: Florescência é:



MARIANÍ GUIMARÃES

Gaúcha de Santa Maria, RS, Professora aposentada, com formação em Educação Artística e Artes Cênicas pela UFSM. Chegou em Saquarema, RJ em meados dos anos 80, onde atuou em diversas escolas e formou um grupo de teatro. Ama literatura, teatro, pintura e viagens.

MOMENTOS



Pat zam

Foto:Pat Zam

A mesa posta deixa memórias
O silêncio, em teus lábios, devora o momento
O vinho desliza suave na garganta
O toque arrepia à pele
O abraço desvenda a alma
O olhar desnuda os pensamentos
O vento enlouquece as flores
A noite perfuma sonhos
Os lençóis macios acariciam o corpo
A felicidade, fugaz momento guardado em pequena gaveta do ser.



MARICI PASSINI

Marici Passini é escritora e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Desde 2006 vem ministrando Oficinas Literárias por todo canto. Acredita que enquanto houver Literatura, corações e mentes não congelarão, e seguiremos em frente.

UM DRINQUE NO PARAÍSO



Foto: Jidduks

Alguns tinham o quarto sempre cheio de familiares, em um quase desconcertante vai-e-vem. Outros estavam sempre sós. João Schilling não recebia muitas visitas, mas recebia algumas. O filho vinha periodicamente; parecia carinhoso e solícito, embora bastante reservado. Uma sobrinha-neta muito tímida era quem mais aparecia. Sentava-se quietinha na poltrona, mexendo no celular.

Ele estava perfeitamente lúcido, mas a cada dia falava menos; parecia viver em seu próprio mundo. Mesmo assim, nunca deixava de trocar algumas palavras gentis com os familiares e o pessoal do hospital. A doutora Maria Inês e a doutora Bianca eram quem cuidavam dele. Fora ele mesmo quem ligara para a doutora Maria Inês, após ler o livro dela sobre pacientes terminais e cuidados paliativos. Era um belo livro, pensara. Ele a procurara e dissera: tenho 96 anos e estou muito doente; quero morrer em paz; quero que você me acompanhe quando eu não puder mais ficar em casa. A doutora Bianca era a jovem assistente da doutora Maria Inês. Os pais e amigos indagavam: mas por que esta especialidade? Tanta coisa mais gratificante! Certa vez, numa festa, um rapaz fizera um comentário brusco quando ela lhe falara do seu trabalho: você é tão jovem, bonita, exuberante! Deveria trabalhar com a vida, e não com a morte!

Bianca entrou no quarto. Era o início da noite. O paciente dormia. Sua respiração estava tão regular quanto a de uma criança. As duas médicas cuidavam para que João Schilling não sofresse. Era esse o trabalho delas - fazer com que estivesse confortável em suas últimas semanas de vida. Embora ele permanecesse a maior parte do tempo em silêncio, estava consciente, como desejava, mas tranquilo e sem dor. Bianca sentou no sofá e recostou a cabeça. Sentia-se muito cansada naquela noite. Sem se dar conta, adormeceu. Nas raras vezes em que adormecera assim, acordara sobressaltada. Dessa vez, no entanto, foi acordando aos pouquinhos, sentindo-se envolta em cuidados, em carinho. Na verdade, verificou, não dormira mais do que cinco minutos, mas como este sono lhe pareceu longo! De súbito, percebeu que John Schilling estava acordado e a fitava com um sorriso suave. Tão suave! Ela caminhou até o leito. Como está o senhor? Estou bem, ele respondeu. E você, como está? A pergunta a surpreendeu um pouco. Estou bem, ela sorriu; um pouquinho cansada. Foi então que os olhos deles se cruzaram e o olhar dele, firme, intenso, não permitiu que ela desviasse o seu. Sem se dar conta, Bianca levou a mão ao peito; seu coração disparara. Durante um longo momento eles permaneceram assim - presos um ao outro pelos olhos. De súbito uma enfermeira entrou, cumprimentou a médica, entregou-lhe o prontuário, injetou uma medicação no soro, saiu. Bianca pareceu acordar, sacudiu a cabeça, apanhou o prontuário, anotou alguma coisa. Boa noite, senhor, nos vemos amanhã, disse com voz pausada. Boa noite, ele respondeu, e seus olhos procuraram de novo os olhos dela. Bianca foi andando em direção à porta. Hesitou. Enviou-lhe um pequeno aceno e partiu.

João Schilling continuou fitando a porta. Muito tempo se passou antes que fechasse os olhos e adormecesse. Era alta madrugada quando a médica voltou ao quarto. Ela entrou,

ficou parada algum tempo na porta, depois caminhou lentamente até o leito. Com muita delicadeza pousou a mão sobre a cabeça do homem adormecido. Sussurrou bem baixinho, como se falasse consigo mesma: tenho a sensação de que você foi sempre meu companheiro; lembro-me de você, não sei de onde. Lembro-me de chamar você de meu amor... De imediato um sorriso surgiu nos lábios do velho senhor. Ainda de olhos fechados, ele lhe estendeu a mão. Uma mão trêmula, áspera, débil. Bianca a pegou. Os dedos deles se entrelaçaram. Ela deixou escapar um soluço. Desejou que ninguém entrasse ali naquele momento, pois não teria nenhuma explicação a dar. Ele falou alguma coisa, ela aproximou o rosto do dele para ouvi-lo melhor. Ele lhe contou como sempre a amara; como sempre a procurara. Ela respondeu que por não o ter encontrado vivera sempre só. Isolada em seu mundo. Desde pequenina. “Olhos de cão azul”, ele disse, e ela começou a chorar, pois reconheceu a frase do conto de Garcia Marquez, um de seus preferidos, onde um homem e uma mulher sonham toda noite um com o outro e inventam esta expressão para se procurarem – dois desconhecidos – ao acordar. Ele disse: tenho a impressão de que todos os acontecimentos da minha vida, mesmo os mais ínfimos, mesmo aqueles de que nem me lembro mais, existiram para me trazer até você. Enxergo minha vida, finalmente, como se enxergasse uma constelação perfeita. Tudo aconteceu para que eu te encontrasse, ainda que no meu último dia sobre a Terra. Ele sorriu e repentinamente a juventude explodiu em seu rosto. Ali estava de fato um belo jovem repleto de vigor e futuro. Ela disse: assim também aconteceu comigo. Creio que escolhi esta profissão, esta especialidade, só para te encontrar. Eles riram juntos, mas as lágrimas dela voltaram com o riso, em profusão. Ela disse: você vai morrer, e eu caminharei só novamente. Muito mais só do que jamais estive. Ele então a chamou de meu amor pela primeira vez, e disse: nunca mais você ficará só. É uma promessa? – ela perguntou. Sim, ele respondeu. Foi ela quem aproximou os lábios do dele, e foi como tocar na neve em fogo. Trocaram um longo beijo apaixonado, que os fez sentir o que nunca tinham sentido antes. Você sabe onde estamos? – ele perguntou baixinho. Ela encostou a boca no ouvido dele: na eternidade? Sim, ele respondeu, mas só se pudermos chamar de eternidade o cume da felicidade!

Agora vá, meu amor! – ele falou. E insistiu: vá! Os olhos dele brilhavam; os dela irradiavam completude e tranquilidade. Ela o beijou na testa, depois nos lábios. As mãos se entrelaçaram novamente. Mas não pareciam estar se despedindo. Da porta, ela exclamou: João! Não ouse me esquecer. Espere por mim o tempo que for preciso! Não quebre sua promessa! Do leito, ele também exclamou, a mocidade tremulando na voz: que ideia é essa, Bianca? Não precisarei esperar nada. Estarei o tempo todo com você. Em cada dia de sua bela e longuíssima vida! Pois entro na morte mais vivo do que jamais estive, e assim permaneceréi! Até sempre – ele disse, levantando no ar uma taça imaginária.

Até sempre – ela respondeu, erguendo a sua.



MARÍLIA AMARAL

Marília Amaral é bibliotecária, dirigiu e organizou várias bibliotecas e lecionou Biblioteconomia na UNIRIO, onde dedicou-se à questão da Leitura, Formação do Leitor e da Biblioterapia, três grandes prazeres até hoje, acrescentando a contação de histórias e poemas.

Faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.

DELÍCIAS



Foto: Marília Amaral

Frisson na pele ao toque de um só dedo
Corpo ardendo noite adentro
Mãos armando teias transparentes
Cheiro de café coando manhã cedo
Copo d'água matando a sede
Rede sombra vento fresco
Casa dentro aconchego
Sol lá fora mar profano
Riso solto areia quente
Olhos de: pleno deleite

E o inesperado
ressonando



ROSEANA MURRAY

Roseana Murray é poeta em tempo integral. Recebe em casa escolas públicas em seu Café, Pão e Texto e os leitores do Clube de Leitura da Casa Amarela.

Gosta de ler, escrever, conversar, distribuir poemas.

UM BONDE CHAMADO FELICIDADE



Foto Hemerocallis Roseana Murray

O bonde para pontualmente na Praça Malvino Reis. Seis e meia da manhã.

Não é bonita a praça, mas ali começa a minha aldeia. A casa das tias, a loja do pai, a oficina de anáguas da mãe, a casa dos avós.

Eu subo. O dinheiro da passagem dobrado na mão fechada.

O motorneiro dá a partida, o cobrador se equilibra como se trabalhasse num circo.

Gosto de olhar os passageiros ainda sonolentos. Imagino suas vidas. Uma senhora leva uma trouxa de roupa no colo. É lavadeira, eu penso.

Também temos uma lavadeira em nossa casa. Revi imediatamente a roupa suja despejada no chão da copa da casa e eu sentada num banco era a escrevente do rol: escrevia as entranhas da casa, os sonhos nos lençóis, os corpos desnudos nas toalhas de banho.

O bonde chega ao meu destino de menina no caminho da escola.

O rosto da lavadeira do bonde e da casa se fundem num só rosto cansado e triste. Se esfumam.

A escola me espera, sempre confusa para mim, às vezes indecifrável.

Ando pelos cantos, testando a minha invisibilidade, já que escapar da escola não é possível.

Na volta para casa, o bonde vai cheio de gente da minha idade. Tento imaginar suas casas, seus quartos, suas famílias.

Na minha própria casa construo casulos.

São feitos de substâncias que arranco daqui e dali: um raio de sol que ilumina um pedaço do quarto e a poeira que esvoaça em sua luz e me hipnotiza.

E as vozes que chegam de longe, os latidos, as canções tocadas no rádio da cozinha, as canções dos passarinhos nas árvores espalhadas pela rua.

Sem saber vou experimentando em meu corpo frágil os cinco sentidos e outros e às vezes caminho de leve nessa floresta amorosa que construo.

Em meu casulo fabrico alguns fios de felicidade com os pequenos acontecimentos do dia. Os passos dos pais que se aproximam na volta do trabalho e quando chegam transformam a casa num barco forte para atravessar a noite.

No dia seguinte o bonde.

E lá longe, num outro tempo, onde já não há mais bondes, nem pai, nem mãe, nem rol de roupa, uma mulher que era a menina invisível, usa tudo o que tem, todos os sentidos e palavras para fabricar seu bonde imaginário: o que já foi vivido, o que ainda viverá.

FICHA TÉCNICA

“FELICIDADE”

Antologia de poemas, contos e crônicas - vol. V
Clube de Leitura da Casa Amarela

IMAGENS

Crédito disponibilizado no rodapé
da imagem de cada autor.

IMAGEM DE CAPA

Aymée Loivos Considera Conde Sangenis

DESIGN GRÁFICO

Jiddu Saldanha

REVISÃO

A responsabilidade da revisão ficou a critério
de cada autor e seu respectivo texto.

ISBN : 978-65-85568-03-6

[CLIQUE AQUI](#)

